

AS RAZÕES DE UMA REVOLTA (*). (Resumo).

JÚLIA MARIA LEONOR SCARANO
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio
Claro (SP).

A carta que D. Lourenço de Almeida escreveu ao rei de Portugal (Lisboa, Biblioteca Nacional, Col. Pombalina, cod. 463, ps. 251 e 251 v) a 18 de setembro de 1721, dando contas e pedindo de Sua Majestade, da revolta em Vila Rica no ano anterior, é claro exemplo da maneira como eram descritos os acontecimentos no período, abordados sob prisma individual e pessoal, onde não se manifestam os verdadeiros motivos e são camufladas e apenas afloradas as explicações de cunho social. Não se pode ignorar que o missivista não deseja desgostar o seu rei e nem acusar formalmente as autoridades que o antecederam, mas o modo de enfocar os fatos merece um estudo, inclusive de cunho linguístico, em que se anotem o uso e a repetição das palavras e suas relações com o texto. D. Lourenço, apesar de ter

“feito toda a diligencia para conhecimento da causa que este povo de Villa Rica teve para fazer os motins passados”.

afirma que foram

“paixoens e interesses particulares”.

Para ele, os líderes não empreenderam a revolta diretamente, mas

“mandaram Negros seus e alguns Brancos, de seu Sequito”

que fizeram motins durante a noite e obrigaram os habitantes da vila a neles tomar parte. Comenta que o assalto às Casas de Fundição

(*) — Comunicação apresentada na 3ª Sessão de Estudos, no dia 7 de julho de 1972 (*Noat da Redação*).

foi apenas pretexto, porque, o que procuravam os chefes da revolta era levar o ouvidor e o governador a abandonarem seus postos que seriam por eles ocupados. D. Lourenço somente critica seus antecessores dizendo que o ouvidor Martinho Vieira e o governador Conde de Assumar

“derão grande motivo a que este Povo abraçasse o partido contra elles, por algumas exorbitancias que fazião, e pello grande desprezo com que tratavão os Homens”.

Parece dar maior valor ao desprezo (atitude pessoal) do que à prepotência. A ignorância do espaço social, entretanto, era mais aparente do que verdadeira, pois no início da carta, o governador recém-empossado dá contas das vantagens que trouxe ao povo a proibição de se venderem os escravos para o pagamento de dívidas, um dos motivos do descontentamento pelo grande prejuízo que trazia aos mineradores. A carta nos mostra a dicotomia palavra-ação, que unida ao conceito vilão-herói, tem tanta importância para o conhecimento desse período.